

ISSN 2359-053X

19

ANO 2 - NÚMERO 19 - MAIO 2016

xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$10

Para além do gênero

MEIA DÚZIA
DE MULHERES
NEGRAS
QUE VALEM
POR MIL

ECOTURISMO
SERINGAL CACHOEIRA

p. 24

MEMÓRIA
MANOEL BARROS
A POESIA SEM LIMITES

p. 30

URBANIDADE
BRT EVOLUINDO À NOSSA MODA

p. 40





maio amarelo

ATENÇÃO PELA VIDA

Segurança no Trânsito

Faça a sua parte

O que é?



À exemplo do Outubro Rosa do Novembro Azul, quando, respectivamente, a sociedade discute o câncer de mama e o câncer de próstata, o **MAIO AMARELO** objetiva promover grandes debates entre a sociedade civil, entidades e governos, no sentido de implementar ações educativas de conscientização do cidadão para a adoção de atitudes mais responsáveis no trânsito.

O Movimento **MAIO AMARELO** tem, também o propósito de chamar a atenção da sociedade para o alto índice de mortes e feridos no trânsito em todo o mundo.

A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu para esta década a redução em 50% das mortes no

trânsito, em todo o mundo; o Brasil é signatário dessa resolução.

Você pode e deve também contribuir para uma cidade mais segura. Respeite os pedestres; reduza a velocidade nos ambientes urbanos, ande na velocidade permitida; use sempre o cinto de segurança; não transporte no banco da frente do veículo crianças menores de 10 anos; não utilize aparelhos eletrônicos (celular, iPod e etc), quando estiver conduzindo veículo; se beber, não dirija e siga as normas gerais de trânsito. Cumprindo essas regras, você estará exercendo plenamente sua cidadania, servindo de referência para outros e contribuindo para uma Anápolis mais civilizada e mais segura.

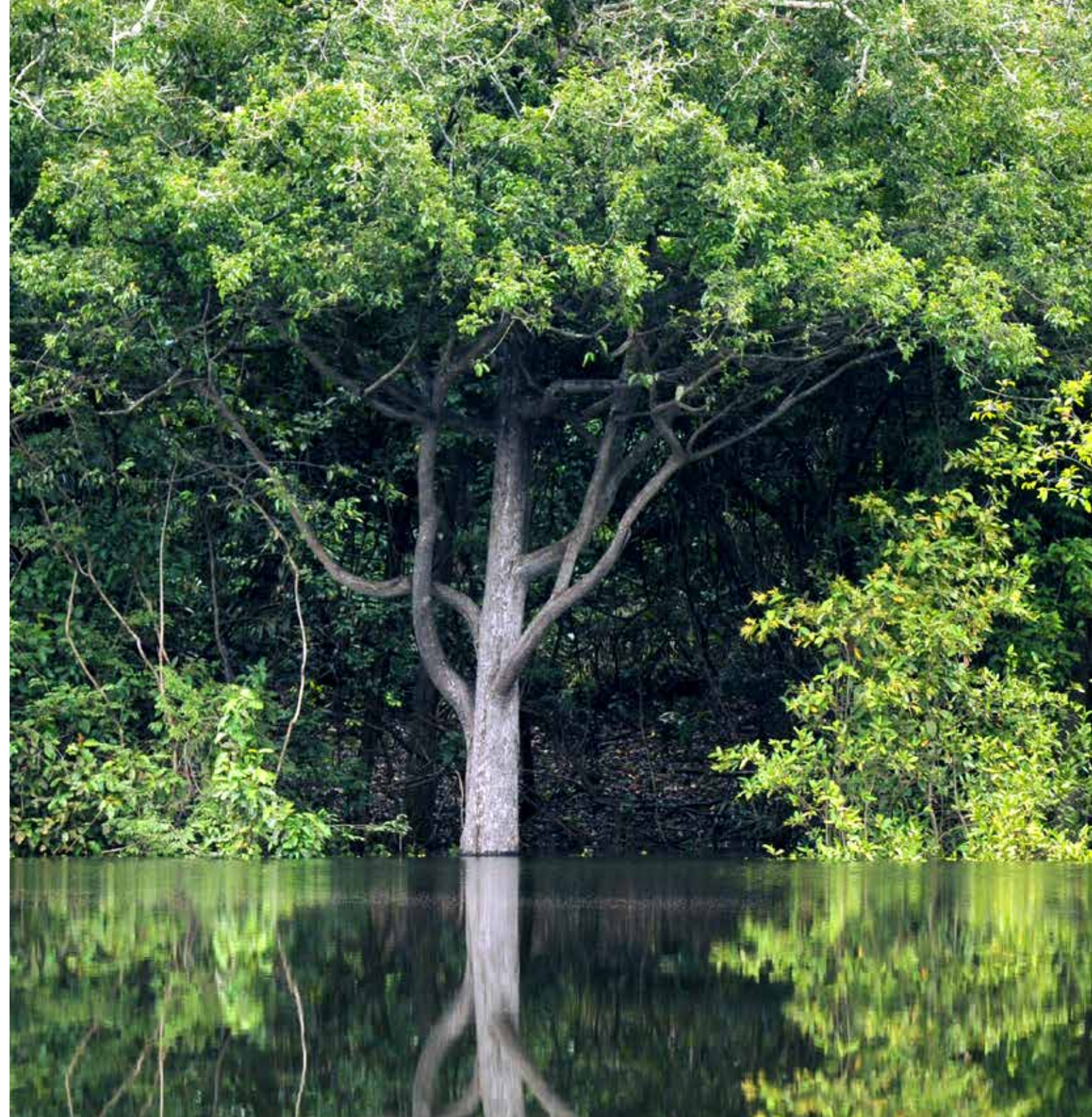
Diretoria de Educação
para o Trânsito



Prefeitura de
ANÁPOLIS
Cidade de Todos!



www.anapolis.go.gov.br



Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: “Rio antes”, ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!



www.xapuri.info

“ Se podes olhar, vê.
Se podes ver, repara. ”
José Saramago

COLABORADORES/COLABORADORAS MAIO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo e Antropólogo; Antenor Pinheiro – Jornalista; Eduardo Pereira – Produtor Cultural; Iêda Vilas-Bôas – Doutoranda em Literatura, Escritora; Jacy Afonso – Sindicalista; Jaime Sautchuk – Jornalista, Escritor; Janete Faria – Fotógrafa; Leonardo Boff – Filósofo, Teólogo, Escritor; Marcos Wesley/ISA – Fotógrafo; Néio Lúcio – Fotógrafo; Thiago Brito Reis de Miranda – Publicitário; Wellyton Rodrigues – Ilustrador; Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk
2. Zezé Weiss
3. Altair Sales Barbosa
4. Binho Marques
5. Cássia Oliveira
6. Graça Fleury
7. Jacy Afonso

8. Juan Pratginestòs
9. Elson Martins
10. Neusimar Coelho
11. Ronei Alves
12. Rui Faquini
13. Ieda Vilas-Bôas
14. Trajano Jardim



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental

Telefone: (061) 9974-3761. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Atendimento: Zezé Weiss (61) 9974-3761; Eduardo Pereira (61) 9829-1020. Edição: Jaime Sautchuk (61) 9926-0445 e Zezé Weiss (61) 9974 3761. Capa: Foto Rogério Alves/TV Senado; Revisão de Textos: Lúcia Resende e Zezé Weiss. Revisão de design: Eduardo Pereira. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires – 386/GO. Menor Aprendiz: Ana Beatriz Fonseca Martins – auxiliar de serviços administrativos. Tiragem: 20.000 exemplares. Mídias Sociais: Eduardo Pereira – Produtor Cultural. Circulação: Revista Impressa – Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Tocantins. Revista Web – Todo o território nacional. ISSN 2359-053x.

CURTAS

BRASIL ASSINA ACORDO HISTÓRICO SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS

No Dia Internacional da Mãe Terra, 22 de abril, o Brasil foi um dos 175 países que assinaram, na sede da ONU em New York, o chamado Acordo de Paris sobre Mudanças Climáticas, que tem por principal objetivo manter a elevação da temperatura da Terra abaixo de 2 graus Celsius no século XXI. Ao assinar o Acordo, o Brasil, assim

com os demais países signatários, comprometeu-se ante o mundo a combater os efeitos das mudanças climáticas e a reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Em seu discurso, a presidenta Dilma Rousseff declarou que o Brasil ampliará em até 45% as fontes de energias renováveis para toda a energia produzida no país até 2030.

RECIFE DE CORAL NA FÓZ DO RIO AMAZONAS

Uma equipe de cientistas liderada pelo brasileiro Rodrigo Moura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, publicou na revista Science Advances (04/20016) artigo sobre a descoberta, na foz do rio Amazonas, de um recife de coral com 965 km de extensão. O recife fica submerso entre 30 e 120 metros de profundidade e vai da Guiana Francesa até o Maranhão. Além do tamanho, a formação surpreende também por

estar em uma área de baixa luminosidade e de pouca oxigenação, condições ambientais que dificultam a proliferação de organismos vivos. Infelizmente, segundo o jornal The Atlantic, o recife recém-descoberto já se encontra em perigo. O jornal afirma que o governo brasileiro vendeu 80 blocos de exploração de petróleo e de perfuração na foz do Amazonas, dos quais 20 já estão em operação.



eleve
mercado saudável
708/709 norte



Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Chegou a minha Xapuri, revista maravilhosa. Parabéns!

Anizia Vilas Boas
Fernandópolis
São Paulo.

Por falar na Xapuri, [a revista] tá linda! Parabéns! Vocês são um alento em tempos tão adversos.
Carmen Cruz
Brasília
Distrito Federal.



Recebi de um amigo a revista Xapuri (março 2016). Li e gostei. Felicito-os pela escolha do papel, pela diagramação e pelos assuntos em pauta. Um grande abraço pra toda a equipe. **Wanderley Wasconcelos** – Barra do Garças – Mato Grosso.

Que bom, mais uma edição dessa maravilhosa revista Xapuri. Um exemplo de Jornalismo e Cidadania!
Laurenice Noletto
Goiânia – Goiás.

Xapuri – leitura obrigatória de quem se preocupa com o planeta e com as riquezas naturais do nosso Brasil!
Neiri Alves da Silva
São Paulo – Capital.

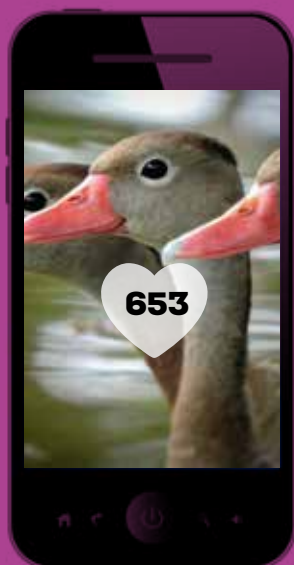


Gratidão!

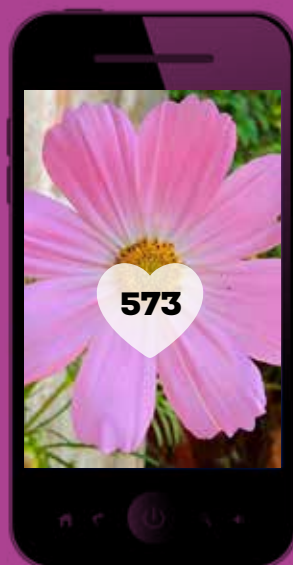
As imagens mais populares da @revistaXapuri



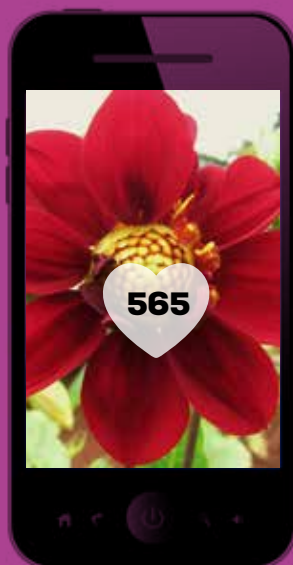
@cezarbiologo



@elenamacielcamine



@aoaolvesdf



Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

A desigualdade de gênero é uma mácula de nossa sociedade, e o machismo é visível ainda nos dias atuais. Basta elencarmos as mulheres que ocupam cargos de relevância nos três poderes.

Mesmo em sociedades que se desvencilharam há mais tempo de alguns tabus, a discriminação ainda existe. Que o diga a primeira-ministra alemã, Angela Merkel. E é mais acentuada em outras nações onde há mulheres na chefia de governos e Estados, como no Chile e no Brasil, por exemplo.

Quando a mulher é negra, então, a discriminação é ainda maior, em todos os setores da vida. Mas há, de igual modo, muitos exemplos de luta contra esse mal.

É esse o tema de capa desta Xapuri. Mostramos de modo claro e desprendido a trajetória de mulheres negras que se destacaram na história de nosso país. Que elas sirvam de exemplos! Nesta edição, prosseguimos nossa viagem ao centro da Terra e nos embrenhamos nos sertões baianos, nas quebradas do rio Gaviões, num retrato de nosso cantador-mor, Elomar. E também no Acre, sugerindo viagem ecológica à Reserva Chico Mendes.

Tratamos, ainda, da qualidade de vida ou do “viver melhor” no mundo moderno e, por falar nisso, investigamos a quantas anda um direito fundamental de todos, o da habitação.

Enfim, você começa a entrar em mais uma, a 19ª viagem mensal que preparamos com muito carinho. Uma ampla variedade de assuntos, sempre com muita beleza plástica.

Boa leitura!

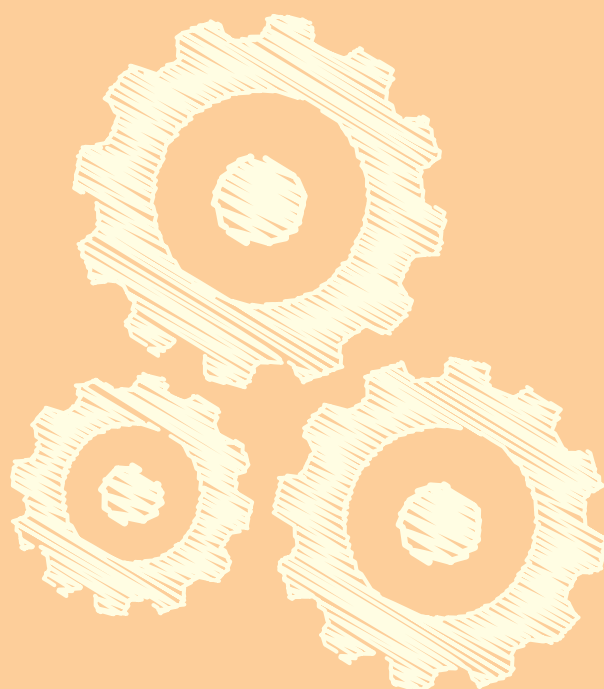
Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

VOCÊ SABIA?

- O pirarucu, também conhecido como "bacalhau" da Amazônia, é um dos maiores peixes de água doce do mundo. Pode chegar a até 3 metros e atingir 250 kg.
- A acerola, além de ser um antioxidante natural, estimula o sistema imune e promove a formação de colágeno no organismo. A fruta possui uma concentração de vitamina C de 20 a 40 vezes maior do que a da laranja.
- Mesmo sendo considerado um bioma com uma das maiores biodiversidades do planeta, ao contrário da Amazônia, da Mata Atlântica e do Pantanal, o Cerrado não recebeu da Constituição Federal o status de "Patrimônio Social, o que dificulta sua conservação.

Autor: Thiago Brito Rios de Miranda, publicitário, moderador do perfil @fatosinacrediteveiss no Instagram.



08 **CURIOSIDADES**
Você sabia?

24 **ECOTURISMO**
Seringal Cachoeira

10 **CAPA**
Para além do gênero
Meia dúzia de mulheres negras que valem por mil

28 **GASTRONOMIA**
Ambrosia – O manjar dos deuses do Olimpo

16 **MEIO AMBIENTE**
Pequena viagem ao centro da Terra III

37 **MITOS E LENDAS**
A Cuca

09 **CURTAS**

36 **SUSTENTABILIDADE**
Os povos originários nos ensinam o bem viver

20 **UNIVERSO FEMININO**
Vietnã

30 **MEMÓRIA**
Manoel de Barros
A poesia sem limites

22 **PERFIL**
Elomar, o trovador

32 **CIDADANIA**
Habitação e saneamento como direitos universais

26 **EDUCAÇÃO**
EJA - educação de jovens e adultos
Uma questão de direitos

40 **URBANIDADE**
BRT evoluindo à nossa moda

Para além do gênero

MEIA DÚZIA DE MULHERES NEGRAS QUE VALEM POR MIL

Iêda Vilas Bôas

A vida dessas mulheres não ganhou espaço nos históricos registros oficiais por vivermos em um mundo sexista e racista. São personagens, na maioria das vezes ignoradas pelos livros didáticos, que sobrevivem no imaginário popular porque se identificam e são identificadas com as mulheres, mães

e companheiras espalhadas por todo o território nacional.

A literatura resgata através dessas mulheres o empoderamento do feminino ao longo dos tempos. São mulheres, negras e mitos. O ideal libertário serve como fundo para destacar o papel da mulher em tempos remotos e para reflexão nos tempos de agora.

Um novo olhar sobre um período da história que não seja contado pela ótica da raça branca, dominante e elitizada.

Essas mulheres não podem ser esquecidas pelas suas ações e ideias. Resistem à história oficial porque, a despeito do vencedor histórico, foram fortes e continuam sendo exemplo.

Aqualtune

o Brasil em navio negreiro. Aportou em Recife, à época o principal centro produtor de açúcar e entreposto comercial da América Portuguesa. Lá foi vendida e seu destino estabelecido como escrava reprodutora. Inconformada com sua situação, passou a trocar informações com os negros de outros portos e, assim, tomou conhecimento de Palmares, em Pernambuco. Grávida de 8 meses empreendeu fuga para Palmares (Angola Janga - Minha Angola Pequena), que possuía mais de 50 mil habitantes livres. Segundo consta, Aqualtune foi mãe de Ganga-Zumba, Gana Zona, Sabina e outras filhas. Os dois filhos homens se tornaram chefes de importantes mocambos de Palmares. A filha Sabina deu à luz a Zumbi, o grande líder do Quilombo dos Palmares,

um dos principais quilombos durante o período escravocrata e símbolo de resistência dos negros à escravidão. No quilombo, imediatamente, por sua origem de nobre africana, Aqualtune passou a ocupar posto de líder recebendo, então, o governo de um dos territórios quilombolas onde as tradições africanas eram mantidas. Com seu filho Ganga Zumba começou a organização de um Estado Negro. Aqualtune liderou, atuou e defendeu os habitantes de Palmares com seus conhecimentos políticos, organizacionais e sua vasta experiência em estratégia de guerra. Sua atuação guerreira foi fundamental para a consolidação da República de Palmares. A princesa morreu lutando contra os paulistas coloniais e suas expedições.

Aqualtune Ezgondidu Mahamud da Silva Santos era uma princesa africana filha de um importante Rei do Congo. Inteligente e estrategista, viveu no século XVII e, em 1665, liderou uma força de dez mil homens para combater a invasão de seu reino. Aqualtune foi derrotada pela tribo opositora dos Jagas. Foi aprisionada, trocada por mercadoria e trazida para

Dandara



Negra guerreira do período colonial do Brasil, juntou-se ainda menina aos negros rebeldes e foi esposa de Zumbi dos Palmares, com quem teve três filhos. Dandara, ainda hoje, é referência no movimento negro e homenageada por grupos feministas. Representa a face feminina de Palmares. Dandara pode ser tratada por heroína e mártir do movimento negro e, para alguns, sua figura é lenda, não existiu de fato. Preferimos tratar da existência real dessa moça que dominava técnicas da capoeira e lutou à frente e ao lado de homens e mulheres nas muitas batalhas enfrentadas em Palmares. Exímia caçadora e conhecedora da região de difícil acesso da Serra da Barriga, em Alago-

as, conseguia ludibriar e criar armadilhas entre a vegetação fechada e densa, não permitindo que seus oponentes encontrassem sucesso. Dandara lutava, amava e impelia seu povo a resistir. Nas horas fora do embate, era mulher, mãe e lavradora. Plantava e cuidava de seu roçado. Juntamente com os palmarinos confeccionava e fabricava utensílios para a agricultura e para o arsenal de guerra. Dandara, por seu gênio forte e espírito de liderança, exerceu importante papel no rompimento do marido Zumbi com seu antecessor Ganga-Zumba, por discordar do tratado de paz estabelecido entre este com o governo de Pernambuco. O documento concedia benefícios como a liberdade aos nascidos em Palmares e o direito de comercialização de seus produtos. Entretanto, caberia aos palmarinos delatar e entregar ao governo os escravos fugitivos que procuravam abrigo nos mocambos. Dandara tomou o lado do seu povo por acreditar que a medida não poria fim à escravidão. Dandara foi uma mulher forte, bela, guerreira, ousada, persuasiva, líder, e obstinada por liberdade. Sua atuação dinâmica contribuiu para a organização socioeconômica, política e familiar de Palmares. Conta-se que Dandara cometeu suicídio, num ato de sublimação aos seus ideais libertários, jogando-se do alto de uma pedreira, após ser presa, para não retornar à condição de escrava.

Maria Felipa de Oliveira



Negra e corajosa, Maria Felipa participou de intensa forma da luta pela Independência da Bahia em 1823. Nasceu na Ilha de Itaparica, catadeira de mariscos, pescadora, trabalhadora braçal bela e valente. Quando viu sua ilha invadida, comandou um grupo de 200 pessoas, uma frente de mulheres negras, índios tupinambás e tapuias; em sua maioria o grupo era formado por mulheres. Destemida, era mulher muito alta, possuía grande força física, e as armas dela e de seus seguidores se constituíam de facas

de cortar baleia, peixeiras, pedaços de pau e galhos com espinhos. Tendo por lema a defesa de seu lugar, numa de suas investidas queimou 40 embarcações portuguesas que estavam próximas à Ilha. Maria Felipa deixou história e habita o imaginário popular. Sua tática de guerra contava com o poder feminino da sedução: as mulheres seduziam os portugueses, levavam os marotos para uma praia, faziam com que eles bebessem e, depois os despiam e davam neles uma surra de cansação, certo arbusto com espinhos. Outro episódio digno de registro foi sua atuação na primeira cerimônia de hasteamento da Bandeira do Brasil na Fortaleza de São Lourenço, na Ponta das Baleias – Ilha de Itaparica-Bahia –, quando invadiu a armação de pesca de um português rico e aplicou-lhe homérica surra. Definitivamente, Maria Felipa não sucumbiu ao domínio português e nem aos padrões machistas de seu tempo. Sua postura combativa contribuiu, substancialmente, para a libertação nacional. Com ressalvas aos métodos usados, Maria Felipa simboliza a resistência e a defesa das conquistas de seu povo pobre e sofrido.

Tereza de Benguela



Rainha Tereza, mulher negra e bela, heroína do povo, ícone para as mulheres do país. Retrata o orgulho e a força de sua raça. Veio de uma província de nome Benguela, no oeste de Angola, África. Tereza viveu no Século XVIII no Vale do Guaporé, no Mato Grosso, e foi líder do Quilombo de Quariterê, hoje essa localidade seria na capital Cuiabá. O lugar abrigava mais de 100 pessoas, em sua maioria negra. Ainda fazia parte do quilombo um grupo de índios. Foi respeitada como rainha e possuía uma imensa sabedoria para lidar com seu povo. Foi conselheira, sábia, raizeira, parteira, e mantinha avançadas técnicas de recrutamento e de governança. Tereza regia baseada numa

espécie de Parlamento, com um forte sistema de defesa interno. Quariterê cultivava o algodão e era produtor de tecidos. Sob a liderança de Tereza de Benguela, realizava-se este comércio e também de outras plantações. Tudo o que se colhia ou produzia era destinado à comunidade, sob a inspeção de Tereza e de seus comandados, comparados ao que hoje conhecemos por deputados. Seu companheiro, José Píolho, era o segundo líder e chefe dos Conselheiros. Conta-se que este foi morto por soldados quando da invasão do quilombo e que Tereza sofreu profundamente a perda de seu companheiro. As reuniões do Conselho, composto por representantes das famílias locais, aconteciam em prévios dias específicos da semana, e a comunidade assistia às decisões tomadas. Tereza presidia este Conselho e também as reuniões. As ordens dadas por ela eram executadas e seguidas à risca, sob o prejuízo de punição pela “rainha”. O quilombo e modelo de governo estabelecido por Tereza de Benguela persistiu por quase 25 anos. Dizem que ela cometeu suicídio ao ser capturada. Registros históricos contam da líder, depois de morta, com a cabeça decepada e exposta no meio da praça do quilombo, servindo de exemplificação a todos os rebeldes. Mais que exemplo, Tereza de Benguela foi lição de cidadania.

Luiza Mahin



Nascida no início do século XIX, Luiza foi uma escrava africana liberta, radicada no Brasil, mãe do abolicionista Luiz Gama. Seu filho, defensor do ideal libertário, merece por si, uma memória. Luiza pertencia à tribo Mahin, da nação africana Nagô, de onde vem seu sobrenome. Os Mahin eram adeptos do Islamismo e, no Brasil, ficaram conhecidos como malês. Esses negros escravos como os Mahin, Hauçás, Tapas, Bornus, entre outros, haviam sido trazidos do Golfo do Benin, no noroeste da África, região colonizada pelos muçulmanos. Luiza tinha distinção e fidalguia. Conta-se que havia sido princesa, na África. Além de seus muitos atributos físicos e de sua peculiar personalidade, era extremamente comunicativa e diplomática. Foi alforriada em 1812 (conta-se que ela comprou sua liberdade), e passou a viver de seu ofício de quituteira pelos largos/prças de Salvador. Uniu-se a um fidalgo português e dessa união nasceu o poeta abolicionista e jurista Luiz Gama, que foi criado, até a primeira infância, sob a batuta da retidão e da justiça materna, traços que marcaram sobremaneira sua vida. Seu negligente pai dissipou seus bens e vendeu, ilegalmente, Luiz Gama como escravo aos dez anos de idade, para quitação de uma dívida de jogo. Ressaltamos que a atuação política e social de Luiza serve de inspiração na medida em que nos ensina a analisar a falsa ideia da abolição como um presente, uma concessão generosa. A libertação foi fruto de uma intensa história de árduas lutas. A negra voluntariosa esteve envolvida na articulação de todas as revoltas e levantes de escravos que aconteceram na Bahia imperial. Luiza passava bilhetes escritos em árabe e informações de motins usando como

disfarce o seu tabuleiro. Dessa forma, articulava uma rede de solidariedade e comunicação que servia para espalhar as mensagens das revoltas e para aglutinar irmandades que tinham por missão juntar dinheiro para a compra de alforrias. Esteve envolvida diretamente na Revolta dos Malês (1835) e na Sabinada (1837-1838). Seu nome era cogitado para ser a Rainha da Bahia, caso o Levante dos Malês tivesse sido exitoso. Sua atuação política foi descoberta e Luiza foi perseguida. Fugiu para o Rio de Janeiro onde foi encontrada, detida e, possivelmente, degredada para Angola. Outra face possível da história é a de que tenha sido, aí, assassinada. Outra via defende que a negra tenha ido, de fuga, para o Maranhão e fundado o Tambor de Crioulas. Quem melhor definiu a valente Luiza Mahin foi o poeta e abolicionista Luiz Gama, seu filho: "Sou filho natural de negra africana, livre, da nação nagô, de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa, magra, bonita, a cor de um preto retinto sem lustro, os dentes eram alvíssimos, como a neve. Altiva, generosa, sofrida e vingativa. Era quitandeira e laboriosa".

Zeferina da Bahia



Viveu essa valente negra em lugar denominado Matas do Urubu, na periferia de Salvador, Bahia, hoje região do Parque São Bartolomeu. Zeferina lutou contra os portugueses e participou ativamente do movimento para a libertação da Bahia, que teve como ápice o dia 02 de julho de 1823. Muito cedo a menina percebeu as diferenças entre os mundos em que circulava e, jovem, foi vítima de castigo que lhe rendeu o pelourinho e uma coroa de espinhos. Foi o bastante para que Zeferina deixasse o clamor pela liberdade dominar seus passos. Meteu-se então em busca de seus ideais libertários, não só para si, mas para todos os que sofriam na pele os horrores da escravidão. Seus maiores atributos foram a destreza com o arco e flecha e sua liderança nata. Era uma mulher extraordinária, que enfrentava os soldados e animava seu bando compelindo-o a investir contra o inimigo através de palavras de ordem e de atitudes destemidas. Entre os rebeldes

era conhecida por "rainha". Possuía grande eloquência e era estrategista de guerra. Os componentes de seu grupo devotavam a Zeferina da Bahia uma obediência leal e consideravam-se súditos da "rainha". Seu grupo era composto por negras e negros nagôs e escravos libertos. Sob sua liderança, um grande ataque aos brancos da capital foi organizado e executado, porém a liberdade não a alcançou. Zeferina foi farol, foi guia e norte. Sua luta baseava-se nos direitos básicos do ser humano. Foi guerreira nos embates por dignidade. Zeferina também é referência no combate à violência doméstica e na redução de abusos contra crianças. A rainha era taxativa em punir os homens que batiam em suas esposas, e os infantes, em geral, eram seus protegidos. A negra Zeferina devotava, ainda, especial atenção aos anciãos de sua comunidade Urubu. Por sua valentia, ousadia e determinação, grandes espaços foram abertos para a atuação da mulher em campos sociais, políticos e culturais. Zeferina empoderou o feminino em seu tempo. Zeferina da Bahia representa a presença e determinação feminina do subúrbio. Ela foi protagonista e agente ativa de mobilizações em prol dos direitos fundamentais das comunidades da periferia de Salvador. Foi a mais inclusiva das "rainhas" negras.



Iêda Vilas-Boas
Escritora

PEQUENA VIAGEM AO CENTRO DA TERRA III TERREMOTOS E MAREMOTOS

Altair Sales Barbosa

Os terremotos são uma indicação clara de que a Terra é um planeta internamente ativo. Os terremotos são fenômenos naturais altamente destrutíveis e assustadores que, dependendo do seu epicentro, quase sempre vêm acompanhados de maremotos, cujas ondas, denominadas tsunamis, quando atingem o litoral, são devastadoras.

Um terremoto pode ser definido como um tremor causado pela liberação repentina de energia. Essa energia é o resultado de deslocamento de rochas que compõem as falhas tectônicas ou que constituem os limites das placas tectônicas. O primeiro impacto do terremoto recebe o nome de primário, sempre com muita intensidade.

Entretanto, os ajustes ao longo de uma falha provocam

uma série de abalos secundários que, embora em menor intensidade, dependendo da duração, podem ser tão devastadores quanto o primeiro impacto. Muitos terremotos precedem ou até estão associados a atividades vulcânicas, mas nem sempre o vulcanismo é responsável pelos maiores terremotos.

A Teoria do rebote elástico, do geólogo Reid, explica a origem dos terremotos. Segundo Reid, a energia armazenada nas rochas submetidas à deformação é semelhante à energia armazenada em uma mola de relógio firmemente enrolada. Quanto mais firme estiver a mola enrolada, tanto mais energia é armazenada. Quando a mola se rompe, a energia é liberada, causando o primeiro grande impacto e, à medida

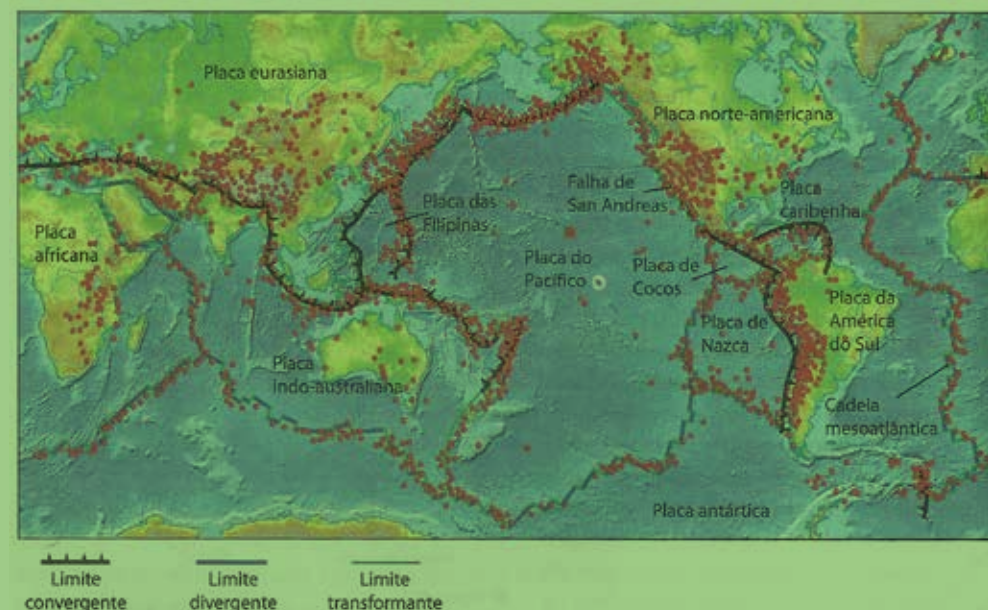
que a mola vai se acomodando, até atingir o formato original, acontecem comparativamente os abalos secundários.

Outro exemplo didático é aquilo que acontece quando se verga uma vara longa e reta sobre o joelho. À medida que a vara verga, ela vai se deformando até chegar ao ponto em que a concentração de energia é tanta que ela se rompe, causando o primeiro impacto. Os movimentos da vara até voltar ao estágio anterior corresponderiam às ondas que provocam os abalos secundários.

TAMANHO E FORÇA DE UM TERREMOTO

Atualmente se usam três medidas para avaliar um terremoto. Uma medida é baseada na intensidade. Trata-se de uma

A Relação entre os Epicentros dos Terremotos e os Limites de Placas



A relação entre os epicentros dos terremotos e os limites de placas. Aproximadamente 80% dos terremotos ocorrem dentro do cinturão do Pacífico, 15% dentro do cinturão Mediterrâneo-Asiático, e os restantes 5% no interior das placas ou ao longo das cadeias em expansão. Cada ponto representa um único epicentro de terremoto. Fonte: Dados da National Oceanic and Atmospheric Administration.

avaliação qualitativa dos danos causados por um terremoto.

A escala de intensidade mais utilizada é a Escala de Mercalli, que varia de 1 a 12 pontos. Esta escala não mede a força do terremoto, mas concentra-se nos estragos por ele provocados. Assim, um terremoto forte que acontece em área desabitada é menos importante que um terremoto mais fraco que acontece em área densamente habitada, pois os estragos deste para seres humanos são maiores.

Em contraposição à escala de intensidade, existem as escalas de magnitude, que medem a quantidade total de energia liberada por um terremoto em sua fonte.

É uma escala sem limites, com valores começando por 1, sendo que a maior magnitude até agora registrada foi de 8.6. Embora valores maiores do que 9 sejam teoricamente possíveis, são improváveis, porque as rochas não são capazes de armazenar energia para gerar um terremoto de tal magnitude. Sua existência provocaria uma catástrofe indescritível.

A mais popular e mais usada Escala de Magnitude, é a "Escala

Richter" – desenvolvida em 1935 pelo sismólogo Charles Richter. Para evitar grandes números, Richter usou uma escala logarítmica de base 10, convencional para converter a amplitude da maior onda sísmica registrada para um valor numérico de magnitude.

Portanto, cada aumento no número inteiro representa 10 vezes o aumento na amplitude da onda. Por exemplo, a amplitude da maior onda sísmica para um terremoto de magnitude 6 é 10 vezes maior que um terremoto de magnitude 5 e 100 vezes maior que um terremoto de magnitude 4 e 1.000 vezes maior que um de magnitude 3 ($10 \times 10 \times 10 = 1.000$).

A Escala Richter foi elaborada para medir as ondas em um sismógrafo e a uma distância específica do terremoto. Uma de suas limitações é que subestima a energia de terremotos grandes, porque mede o pico mais alto em um sismograma, que representa apenas um momento do terremoto. Para solucionar o problema, os sismólogos desenvolveram a Escala de Magnitude Momento Sísmico, que leva em consideração toda a extensão do terremoto e áreas adjacentes.

INTENSIDADE E AMPLITUDE DE UM MAREMOTO

Em dezembro de 2004, um terremoto de magnitude 8.9 aconteceu numa extensão de mais de 150 km ao norte de Sumatra, na Indonésia. Uma de suas consequências foi a formação de ondas gigantes que atingiram o litoral da Indonésia, Índia, Tailândia, Malásia e outras áreas da região. Essas ondas causaram a morte de mais de 150 mil pessoas e prejuízos incalculáveis.

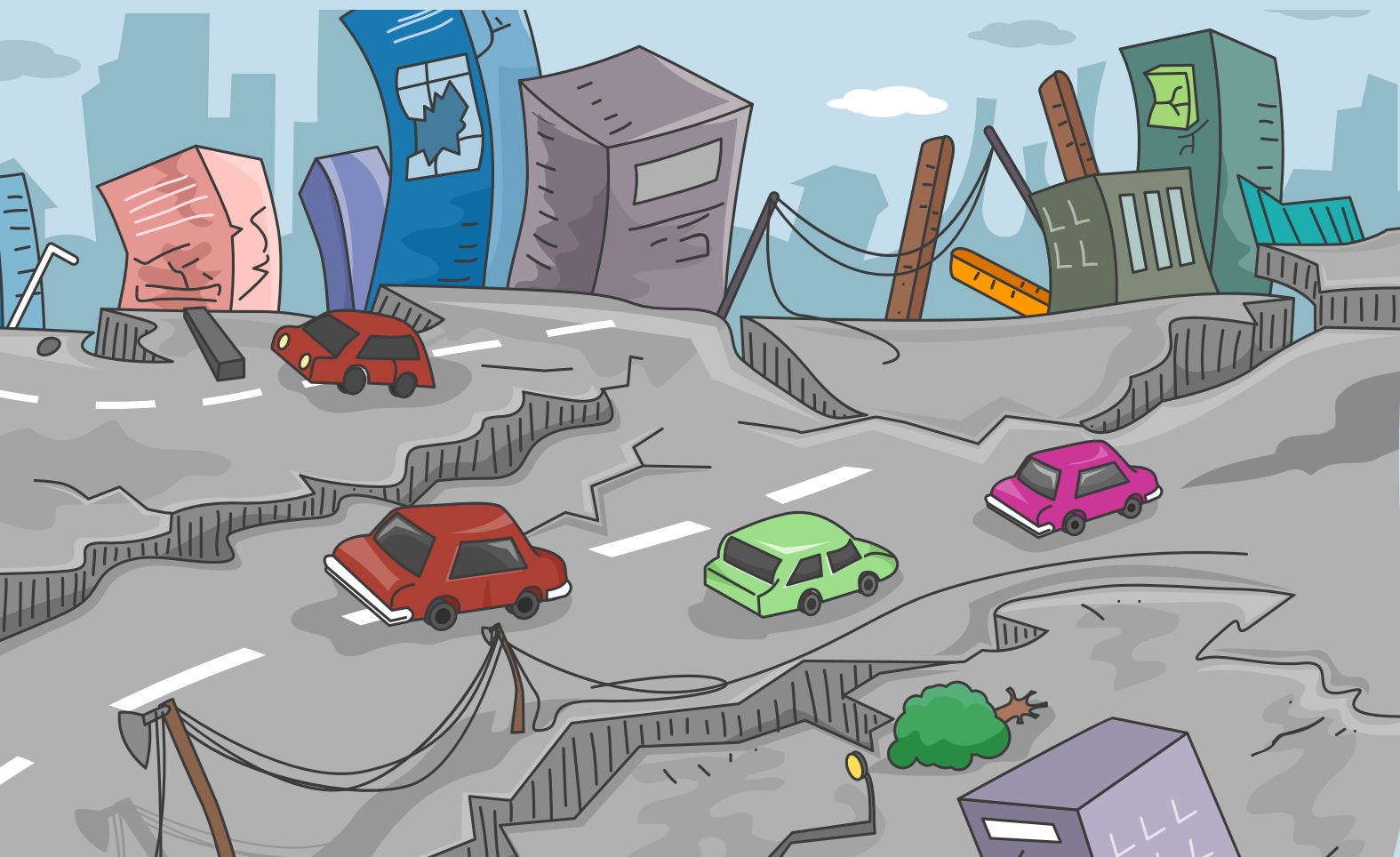
Essas ondas gigantes recebem os nomes de onda de Maré, ou tsunami, que em Japonês significa maremoto. Os tsunamis são ondas marítimas destrutivas geradas pela liberação de grande quantidade de energia. A maior parte desses fenômenos resulta de terremotos submarinos, mas vulcões e deslizamentos marinhos podem também causá-las.

Uma vez formado, o tsunami pode percorrer um oceano inteiro sem ser percebido porque em mar aberto possui ondas baixas e a distância entre as cristas pode ser de quilômetros. Entretanto, quando chegam em águas rasas, essas ondas aumentam incomumente de tamanho causando impactos devastadores nas áreas litorâneas.

Um dos sinais de alerta sobre a aproximação de um tsunami é que alguns são precedidos de uma retirada súbita do mar da região costeira. Nesta ocasião, muitas pessoas desavisadas adentram ao litoral à cata de peixes, corais, conchas, e são pegas em surpresa pelas ondas gigantes.



Altair Sales Barbosa
Doutor em Antropologia.
Pesquisador do CNPQ





Ações de sustentabilidade e solidariedade marcaram o Música Fenae 2015

O festival, promovido pela Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa, ocorreu em Recife (PE), entre os dias 2 a 4 de dezembro do ano passado. Além de reunir talentosos empregados do banco, o evento foi marcado por ações

Entre os valores da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae) está o compromisso com a proteção ambiental e a promoção do bem-estar da sociedade. Trata-se, portanto, de um orientador para as ações da entidade. E foi assim durante o Música Fenae 2015, festival que reuniu compositores e intérpretes, que são empregados do banco, representante de 23 estados e do Distrito Federal.

Uma das ações foi a ajuda na recuperação da Mata Atlântica em áreas próximas a rios e nascentes do Sistema Cantareira, em São Paulo. A emissão direta ou indireta de gases que podem agravar o aquecimento global foi compensada, num total de 38,15 toneladas, por meio do plantio

de 241 mudas naquela região. "É fundamental equilibrarmos a geração de carbono com práticas sustentáveis", destaca o presidente da Fenae, Jair Pedro Ferreira.

O diretor de Cultura da Federação, Moacir Carneiro, lembra que não foi a primeira vez que a entidade adotou em sua agenda um projeto de responsabilidade ambiental. "Tivemos a preocupação com o socialmente responsável desde os preparativos para o festival na capital pernambucana. Outra ação importante foi a de, por meio de uma ONG, transformar as lonas usadas na identidade visual do evento em bolsas. É importante deixar bons exemplos para que outras empresas passem a adotar esse tipo de atitude", diz.

Arrecadação de sandálias

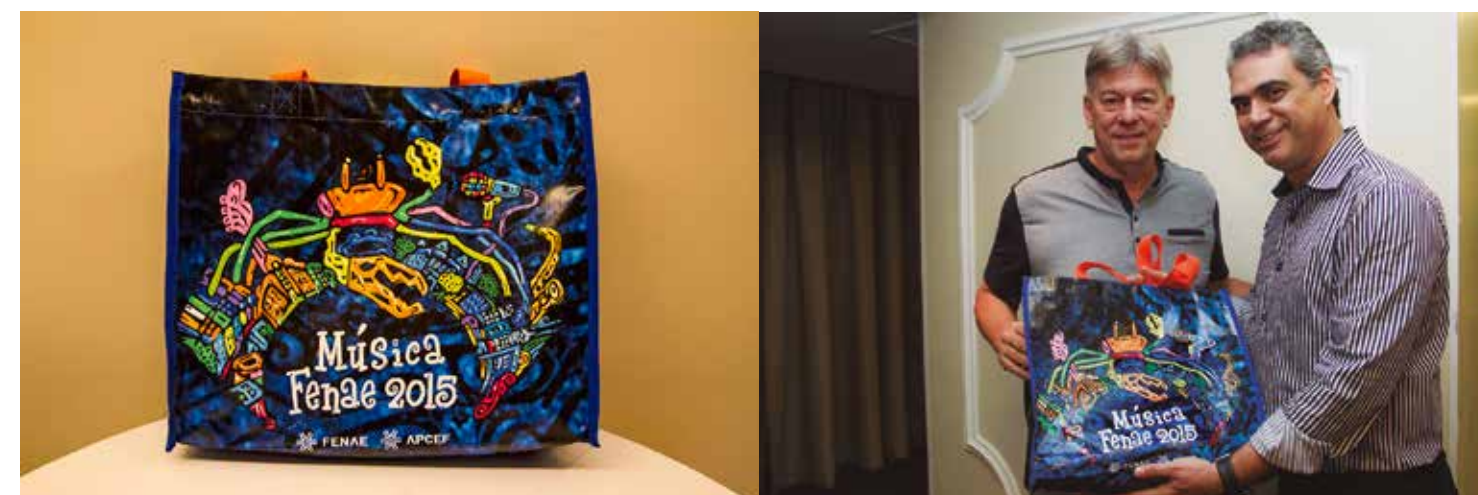
Por meio do Movimento Solidário, os empregados da Caixa e o público em geral do Música Fenae 2015 puderam contribuir com uma campanha de arrecadação de sandálias para as famílias carentes de Belágua (MA). A Federação, em parceria com as Associações de Pessoal da Caixa (Apcefs), Governo do Maranhão e empresas do setor privado, está iniciando as ações na cidade. O objetivo é transformar a sofrida realidade local, a exemplo do que foi feito durante dez anos em Caraúbas do Piauí (PI).

Foram arrecadados 1.250 pares de sandálias, que já foram enviados para Belágua. "Foi um enorme prazer chegar às comunidades mais distantes do município e ver tantas crianças com novas sandálias nos pés. Sabemos que isso ainda é pouco, diante das dificuldades enfrentadas pela população. Mas se cada um fizer a sua parte, conseguiremos melhorar a vida dessas pessoas", afirma Denise Viana, analista de Responsabilidade Social da Fenae.

Para concretizar os objetivos, O Movimento Solidário, mais uma vez, conta com a participação dos empregados da Caixa e da sociedade em geral. Assim como no caso de Caraúbas, as doações serão fundamentais. Para saber como doar, acesse o site <http://todosjuntos.parcorreitora.com.br> e dê sua contribuição. Em breve, o programa Movimento Solidário lançará um novo site, por meio do qual também será possível ajudar.

Música Fenae: primeira edição em 1986

Conhecido originalmente como Festival da Canção dos Empregados da Caixa (Fenec), a primeira edição do evento aconteceu em 1986 na cidade de Vitória (ES). As edições seguintes ocorreram em Manaus/AM (1987), Porto Alegre/RS (1989), Campos do Jordão/SP (1991), São Luís/MA (1993), João Pessoa/PB (1998), Natal/RN (2004), Salvador/BA (2006), Maceió/AL (2008), Goiânia/GO (2010), Belém/PA (2013) e Recife/PE (2015). Para participar do Música Fenae, os compositores e intérpretes interessados devem estar filiados a uma das 27 Apcefs e participar das etapas seletivas do respectivo estado.



Para saber mais acesse: <http://www.moradiaecidadania.org.br>
Página no Facebook: www.facebook.com/moradiaecidadaniadf
E-mail para contato: coordenacaodf@moradiaecidadania.org.br

Vietnã



Mulher, como te chamas? – Não sei.
Quando nasceste, tua origem? – Não sei.
Por que cavaste um buraco na terra? – Não sei.
Há quanto tempo estás aqui escondida? – Não sei.
Por que mordeste o meu anular? – Não sei.
De que lado estás? – Não sei.
É tempo de guerra, tens de escolher. – Não sei.
Existe ainda a tua aldeia? – Não sei.
E estas crianças, são tuas? – Sim. São meus filhos.

Poema vietnamita dos (01/11/1955 – 30/04/1975). Tradução: José Santiago Naud e Henrique Siewierki. Brasil-Europa: Poesia e União. Editora Moderna, 2002.

CHEGOU A VEZ DE FALAR SOBRE A VALPARAISO QUE QUEREMOS 24/06 8H ÀS 18H



Para saber como será a cidade que queremos precisamos falar sobre a cidade que temos. Cidades Inclusivas, Participativas e Socialmente Justas, serão alguns dos temas abordados na conferência. Participe!

Auditório da
Secretaria de
Educação
Q 15 ETAPA A

ELOMAR, O TROVADOR

Guilherme Cabelo

Aos 21 de dezembro de 1937 nasceu na velha casa da Fazenda Boa Vista, em Conquista, o compositor Elomar Figueira Mello. A contragosto, é verdade, pois se fosse pela vontade do bardo ele jamais teria aportado neste mundo: "eu saltei na estação errada".

Não podendo fazer nada contra isso, aqui desceu e foi ficando, já se vão quase oito décadas. Fascinado em sua infância por figuras próximas como Zé Krau – o menestrel errante, compreendeu cedo o sentido que sua existência haveria de tomar. Devido a um "gen vagabundo" tomou jeito para as artes.

Senhor de estilo único, Elomar tem pelo menos um dia inteiro preenchido por suas in-

celenças, cantigas, parcelas, antífonas, sinfonias e galopes estradeiros. Sua discografia é significativa: 16 discos, sendo que seu primeiro compacto foi lançado em 1968, com as clássicas "O Violêro" e a "Canção da Catingueira".

O imaginário trovadoresco e propriamente sertanejo está presente desde então. Cantando, ele é o menestrel errante que desdenha o dinheiro em nome da viola, da alforria e do amor, e que forjou seus valores ao longo de muito estradar, vendo o ser humano do sertão padecer dividido entre a seca e a miséria.

O álbum "Das barrancas do rio Gavião", lançado em 1973, marca sua entrada definitiva para a história da música brasileira. Uma gravação tosca de voz e violão onde estão simplesmente contidas algumas das pedras fundamentais de seu cancionário.

Sua formação musical registra notável herança ibérica: o enlace complexo com o instrumento, o diálogo constante entre canto e toque, a originali-

dade da estrutura, moldada ao sabor da história que se conta. Essa aproximação com a arte europeia é perceptível também em sua poesia, que traz em muitos de seus versos imagens típicas do universo medieval do ocidente.

Situado no sertão baiano, contudo, as palavras que escorriam de seus lábios não poderiam ser outras que não as do povo de lá. É o sertanejo, uma variante linguística que na boca de Elomar sintetiza a norma e os dialetos, o culto e o prosaico da língua portuguesa.

Desse encontro nasce o arquétipo do "cavandante" enluarado que vaga em um mundo fantástico de profundos sertões, areias de ouro, princesas e castelos, reis loucos. O "príncipe da caatinga", como escreveu Vinícius de Moraes, com 34 anos já possuía "muitos séculos de cultura musical".

É o Elomar-rapsodo, o andarilho que, após correr muito trecho ao lado de retirantes e devorar léguas, se demora brevemente nalgum arraial para encantar e comover a plateia com suas histórias e toadas dolentes, trazendo por novidade apenas a fantasia, pois que o mundo real que se descortina

em suas canções é sempre o mesmo vale desolado no qual a humanidade luta para sobreviver.

Com o disco-duplo Na Quadrada das Águas Perdidas (1978) – que conta com a presença ilustre de alguns malungos como Xangai, Dércio Marques e Carlos Pita – chega ao ápice um ciclo de amadurecimento formidável. Aos 41 anos, o compositor supera o cancionista, sem abandoná-lo, e daí por diante lança-se em novas e ousadas empreitadas.

Em 1981, realiza seu primeiro registro sinfônico, o poema épico Fantasia Leiga para um Rio Seco, executado pela Orquestra Sinfônica da Bahia. Em 1983, surgem as Cartas Catingueiras, disco duplo que apresenta algumas peças para violão solo compostas em sua juventude, e o monumental Auto da Catingueira que, de acordo com sua página pessoal, é a "obra-prima definitiva da poética sertaneza brasileira".

Os três volumes do renomado projeto Cantoria, os dois primeiros gravados em parceria com Xangai, Vital Farias e Geraldo Azevedo, são de 1984. Sua obra erudita também amadurece bastante nessa época e,

a partir de então, sua escrita orquestral enveredará por óperas e antífonas. Formado em Arquitetura, Elomar chegou a projetar um teatro (Domus Operae), em uma de suas fazendas, dedicado à montagem de óperas brasileiras.

O interesse por sua obra expandiu-se para além dos limites continentais. Em 1986, recebe seu primeiro prêmio internacional na Alemanha. Contudo, não lhe é agradável tocar para plateias que não compreendem suas letras, tampouco o estrelato que o inquieta. Recusa os inúmeros convites que lhe chegam desde o estrangeiro.

É notória sua aversão a entrevistas e fotografias. O que lhe importa é ser compreendido através de suas criações. Por isso em 2007 foi criada a Fundação Casa dos Carneiros, em referência à fazenda onde mora, na região das Gameleiras, a 20 km de Vitória da Conquista. Ela é responsável por preservar e divulgar sua obra literária.

"Minha música é fora de moda, é cafona. Não consegui me modernizar", costuma dizer. Um deleite para os iniciados, cujo desejo é que Elomar Figueira Mello viva muito mais, e que seja lembrado através dos tempos para a glória da catingueira. Apois!



Guilherme Cabelo
Historiador, Músico.
@joesilhueta

SERINGAL CACHOEIRA

ECOTURISMO ENTRE SERINGUEIRAS E CASTANHEIRAS

Zezé Weiss

Floresta exuberante, bordada de seringueiras e castanheiras gigantes. Causos contados com graça pela companheirada de Chico Mendes. Trilhas ecológicas fantásticas e o maior circuito de arvorismo da Amazônia. Você vai conhecer um pouquinho das oportunidades de ecoturismo do Seringal Cachoeira!

Localizado na Reserva Extrativista Chico Mendes, onde se deram as grandes lutas dos seringueiros em defesa da Amazônia nos anos 80, o Cachoeira conta com uma população de cerca de 80 famílias, dedicadas principalmente à coleta do látex das seringueiras e, mais recentemente, às atividades de ecoturismo.

A chegada ao Cachoeira surpreende pelo contato direto com as casas onde moram as famílias, suas várias unidades de produção e pela presença majestosa da pousada ecológica Seringal Cachoeira que, além da hospedagem, oferece uma deliciosa culinária típica e inesquecíveis rodas de prosa ao anoitecer.

A pousada oferece um espaço central de recepção, salas de estar e restaurante, chalés para casais e para famílias e belichários feminino e masculino. Tudo muito acolhedor e lindo, exceto pelo banho que, quando passei por lá era de água fria, muito fria.

A aventura no Cachoeira começa sempre com um passeio por perto da pousada, em geral com Nilson, primo de Chico Mendes e profundo conhecedor da natureza. Depois dessa "iniciação", as pessoas podem escolher entre as várias alternativas de ecoturismo oferecidas:

- **ARVORISMO** – Trajeto de 9 a 25 metros de altura, com direito a tirolesa de 600 metros no final, ou passeio contemplativo pelo chão da mata.
- **TRILHA DO SERINGUEIRO** – Caminhada começando antes do amanhecer, à luz da poronga (a lamparina do seringueiro), colheita do látex da borracha pelas trilhas e café da manhã (opcional) na casa de uma família da floresta.
- **TRILHA DA SUMAÚMA** – Caminhada de cerca de três horas para conhecer a Sumaúma, a maior de todas as árvores da Amazônia.
- **IMERSÃO NA FLORESTA** – Andança de 2 a 5 dias, parte a pé, parte em barco pelo rio Xapuri.



Zezé Weiss
Jornalista
Socioambiental
@zezeweiss



COMO CHEGAR

De Rio Branco a Xapuri, são cerca de 170 km de viagem pela BR-317. Em Xapuri, é bom parar para conhecer a casa onde Chico Mendes viveu e foi assassinado em 22 de dezembro de 1988, hoje um pequeno museu. Depois, segue-se pela BR-317 por mais 20 km de rodovia pavimentada e uns 12-15 km de estrada de terra até chegar à sede do Seringal. Embora a estrada seja bem sinalizada, é preciso ter cuidado com os buracos e com os animais silvestres que com frequência cruzam o caminho. Mais Informações: (68) 9947-8399.



Foto: Divulgação CNTE

EJA

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS UMA QUESTÃO DE DIREITOS

O Brasil possui 13 milhões de analfabetos. Cerca de 8,7% da população brasileira acima de 15 anos não sabe ler nem escrever. Essa realidade resulta de uma trajetória de exclusão e desigualdade social ao longo de séculos.

Educar jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar na idade certa é política recente na história do Brasil, começou apenas no século XX, com o desenvolvimento da indústria, que passou a exigir trabalhadores mais qualificados, com capacidade de leitura para atender às demandas das fábricas.

Foi somente nos anos 1940, ao final do Estado Novo (1937-

1945), quando a redemocratização exigia cidadãos alfabetizados como eleitores, que surgiram os primeiros esforços de alfabetização, com o lançamento pelo governo federal da primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, que durou até 1963.

O golpe militar de 1964 extinguiu a possibilidade de implantação de um revolucionário Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, proposto por Paulo Freire. Em seu lugar, os militares criaram o conservador Movimento Brasileiro de Alfabetização de Adultos, o MOBRAL.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) começa a tor-

nar realidade a partir da Constituição de 1988, que garante o Ensino Fundamental gratuito e obrigatório para todos. Ainda assim persiste, até os dias de hoje, a ideia de que a EJA aposte numa educação subversiva.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996) assegurou a igualdade de acesso e permanência na escola para quem não teve acesso à educação na idade certa, e transforma o antigo ensino supletivo em EJA, desmobilizada em alguns estados com o argumento da baixa demanda, quando na verdade não fazem publicidade da oferta da modalidade e, em tempos

de crise, é a modalidade que mais cortam, com o fechamento de turmas e escolas.

Hoje, a EJA está voltada para proporcionar ao analfabeto, semialfabetizado, analfabeto funcional ou que tenha por algum motivo interrompido seus estudos, a possibilidade da inclusão cidadã na vida nacional.

O SINTEGO EMPUNHA ESSA BANDEIRA

Em Goiás a luta para manter a EJA em funcionamento nos termos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Educação no Parecer nº 11, de 2000, que define as funções da EJA com base na LDB, nos Parâmetros Curriculares e nas Diretrizes Curriculares Nacionais, é ferrenha.

O Sintego, que tem repre-

sentante no Fórum Goiano de EJA, movimento social na luta pela EJA numa perspectiva libertadora, envolvendo diferentes segmentos organizados da sociedade civil, se orgulha de fazer parte da luta pela efetiva implementação da modalidade no Estado.

Há dificuldade, entretanto, na defesa do Decreto nº 5.478, de 2005, que institui o Programa Nacional de Integração Profissional à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, que inclui a formação inicial e continuada e a Educação Profissional Técnica a nível médio, porque parte dos responsáveis pela Educação no Estado discordam do entendimento do Sintego de que, em vez de ação compensatória, a EJA é um direito e uma porta de entra-

da para a cidadania.

Um exemplo desse descompasso é o fato de que, no ano de 2015, a Secretaria Municipal de Educação (SME) de Goiânia fechou 10 salas de EJA na capital do Estado. A SME argumenta que levou em conta a frequência nos quatro últimos anos letivos e que foram fechadas escolas onde o número de alunos ficou muito baixo. Na Rede Municipal de Aparecida de Goiânia não há escolas de EJA. A Rede Estadual também vem reduzindo salas e escolas. O Sintego cobra publicidade da oferta.

A presidenta do Sintego, Bia de Lima, resume o sentimento goiano sobre o desenrolar da EJA em Goiás: "Estudantes, alunos, professores, comunidade fazem coro à voz do Sintego: Fechar escolas e salas de EJA não é solução!"

EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM GOIÁS (Décadas 1970-1990)

Data	Histórico
1971	Lei Federal 5.692 que regulamenta a reforma do Ensino de 1º e 2º graus cria o Ensino Supletivo. Em Goiás, foi criado o Departamento de Ensino Supletivo (DESu) da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Goiás como órgão responsável pela implementação do Ensino Supletivo.
1972	Programa de Educação Integrada (PEI) do MOBRAL foi transferido para as secretarias estaduais de educação.
1973	O DESu começa a implantar os Centros de Estudos Supletivos de Goiânia (CES).
1977	Nasce o Projeto Saturnus, como extensão dos CES.
1989	Em Itumbiara, por iniciativa pioneira do Plano Municipal de Alfabetização, a Escola Modelo abriu 19 salas atendendo a 558 alunos adultos, dos quais 103 eram funcionários da prefeitura.
1993	A Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Desporto autoriza o funcionamento do Projeto Saturnus na Escola Modelo de Itumbiara.

Fonte: A Educação de Jovens e Adultos em Goiás: Uma Perspectiva Histórica, Elizabeth Gottschalg Raimann, pesquisadora da Universidade Federal de Goiás, documento não datado. (www.congressohistoriajatai.org).

Ambrosia

o manjar dos deuses do Olimpo

Lúcia Resende



O doce, feito com ovos, leite e açúcar, e perfumado com canela, raspas de limão ou baunilha, chegou ao Brasil com os portugueses, no século 16. Conta a história que na Antiguidade só os deuses do Olimpo podiam se deliciar com o sabor da Ambrosia, cujo nome deriva de raiz grega que significa "imortal". Aos mortais, só era permitido experimentar o divinal sabor com a permissão dos deuses.

A receita da Ambrosia pode ter pequenas variações e tem sido repassada de geração a geração, ficando restrita a alguns membros das famílias. Isso certamente se deve ao fato de ser um doce de "ciência" e "paciência", como diziam os antigos.

Pois bem, na minha família, coube a mim guardar a receita, e repeti-la inúmeras vezes, sempre do jeito ensinado por Odete Vilas Boas da Silva, minha mãe, mulher da roça, mas "fina", amante das letras, poeta, freireana sem o saber, nascida e criada na Fazenda Aldeia dos Índios, no Triângulo Mineiro, às margens do Rio Grande.

Contava ela que aprendera a iguaria com uma senhora de nome Conceição, que tinha como ofício fazer o enxoval – inclusive o vestido de noiva, as calças, os espartilhos – das donzelas de meados do século 20, ali perto, em Frutal.

Às vésperas do casório, a noiva se hospedava por um tempo na casa da dona Conceição e, enquanto o vestido e o enxoval eram produzidos, também era possível aprender prendas domésticas. Com ela, em 1953/54, mamãe aprendeu bordados, corte e costura Tote Mode e, claro, a ambrosia ou simplesmente o doce de ovos, que era sua especialidade.

Faço aqui o registro, pra que não se perca, enquanto procuro na nova geração alguém que queira a "herança"...

Ingredientes

1 ½ dúzia de ovos
2 litros de leite
2 ½ copos duplos de açúcar
Canela em pó (ou baunilha ou raspas de limão)



Lúcia Resende
Professora

@mluciares

Modo de fazer

Em uma panela (não pode ser tacho de cobre), coloque o leite frio e o açúcar. Em outra vasilha, bata bem os ovos, gemas e claras. Depois, coe, em uma peneira fina, os ovos batidos sobre o leite. Misture muito bem, ainda frio. Em seguida, leve ao fogo, mexendo só o fundo da panela (esta é a "ciência"), para não desmanchar os talhos que se formarão no momento da fervura. Importante mexer lentamente e com extremo cuidado ("paciência"), até que o leite fique todo talhado e abra fervura. A partir daí, mexer de vez em quando, com cuidado pra não grudar no fundo da panela, até o doce ir apurando (reduz mais ou menos a metade). Quando os talhos ficarem bem separados da calda, o doce estará pronto. Ai, é só colocar em uma compoteira, deixar esfriar e servir.

Obs.: se preferir, pode usar raspas de limão ou baunilha, em lugar da canela, ou mesmo em conjunto com ela. Em casa, usamos só a canela.

SERVIÇOS OFERECIDOS PELO SINDICOM - DF

Atendimento Médico e Odontológico

Os trabalhadores filiados e seus dependentes, têm acesso a atendimento nas seguintes áreas: Clínica médica, ginecologia, pneumologia, pediatria e odontologia. O serviço odontológico para os dependentes legais, é cobrado preço simbólico.



Homologação e Atendimento Jurídico

O filiado também conta com atendimento jurídico de qualidade nas áreas: trabalhistas, família, previdenciária e penal, quando se tratar de assuntos ligados ao emprego. Para garantir a qualidade de atendimento, o Sindicom-DF conta com uma equipe de advogados experientes e preparados para lidar com todas as questões que envolvem o trabalhador.



Lazer e Diversão

O filiado passa a ter acesso ao Clube dos Comerciantes, que é umas das principais referências de lazer para a categoria. Com três piscinas, churrasqueiras, salão de festas, campo de futebol, restaurante e parquinho para as crianças.



Atuação Sindical

Além de tudo isso, o Sindicom-DF realiza um trabalho constante e diário de fiscalização das condições de trabalho. Ou seja, é importante que o comerciante seja sindicalizado, contribuindo assim para melhorar o ambiente de trabalho e mais: nossa equipe está sempre preparada para esclarecer toda e qualquer dúvida que você tenha em relação aos seus direitos e deveres.



Como chegar ao clube dos COMERCÍARIOS



REDE DE ATENDIMENTO:

BRASÍLIA

Setor Comercial Sul, quadra 6, edifício José Severo, 7º andar - Tel: 3038-2200 / 3224-1584

TAGUATINGA

Endereço: QNE 31, lote 2 - Taguatinga Norte. no horário das 8h às 18h - Tel: 3037-8812

SOBRADINHO:

Quadra 8, Bloco 18, Loja 9 - Sala 4. Tel: 3487-2586

GAMA:

Edifício Office Center 3º andar sala 309 - Setor Central do Gama. Tel: 3384-6747

CLUBE

Fazenda Ponte Alta Norte v- Gleba A - Número 25 - Núcleo Rural Casa Grande - CEP 72-400-000 - Recanto das Emas - DF Fone:(61) 3404-0851

A POESIA SEM LIMITES

Jaime Sautchuk

As tardes morenas de Mato grosso, decantadas pelo mineiro Goiás, nunca foram as mesmas nos versos de Manoel de Barros. Pantaneiro por escolha, o poeta nos deixou há menos de dois anos, que parecem séculos e ao mesmo tempo se diluem nas águas como se fosse agora. Pois ele já é eterno.

Tinha razão, talvez, outro mineiro, Carlos Drummond de Andrade, que recusou o título de maior poeta vivo das plagas tupiniquins. Dizia que era Manoel o merecedor dessa distinção. Mas ele mesmo, o Manoel, pouco estava se importando com isso, quieto no seu canto, poetando até os 97 anos, quando desligou.

Manoel Wenceslau Leite de Barros já nasceu meio que por acaso, em 16 de dezembro de 1916. Seu pai, roceiro por natureza, estava passando uns tempos em Cuiabá, no Beco da Marinha, um bairro próximo ao rio do mesmo nome, mas um ano depois, como capataz, foi implantar outra fazenda no Pantanal, em Corumbá, onde a família ficou.

Foi nesse ambiente de roça, vendo "a atrapalhão das formigas", como ele dizia, que Manoel passou sua primeira infância, com os

olhinhos meio puxados, quase de índio, ajuntando informações.

Seu voo inicial, pra fora dali, foi aos oito anos, quando o internaram em um colégio religioso de Campo Grande. Após o primário, seguiu no mesmo regime ao Rio de Janeiro, onde teve sua iniciação em tudo, do manuseio da língua escrita aos embates políticos das ruas.

Na escola, arranjou encenação com os padres por causa de outro padre, o Antônio Vieira, cujos escritos ele criticava, mas que lhe foram fundamentais na formação. Ele achava que Vieira se preocupava mais com o jeito de escrever do que com a pregação religiosa.

"A frase para ele era mais importante do que fé", disse certa feita. Mas foi isso mesmo que o fez se apegar à poesia, um modo de expressão que, no seu dizer, "pode misturar todos os sentidos, sem compromisso com a verdade". O poeta inventa seu mundo.

Ainda na adolescência, antes de ingressar no curso de Direito, ele se filiou à Juventude Comunista, o que o afastou dos catecismos cristãos e o colocou em contato com a realidade do país. E foi

também o mote que faltava à sua iniciação na literatura.

Aos 18 anos, escreveu seu primeiro livro, que não era de poesia. Era um romance ou uma novela, ninguém sabe ao certo, que tinha o título de "Nossa Senhora da Minha Escuridão", mas foi confiscado pela polícia política e sumiu.

Manoel havia pichado um monumento, com a inscrição "Viva o Comunismo", e a polícia foi atrás do autor, em casa. A dona da pensão onde ele morava o defendeu, alegando que se tratava de um rapaz estudioso, pacato, que era até escritor, e mostrou o livro. Convencidos pela doce senhora, os policiais não prenderam o autor, mas levaram o manuscrito.

Seu primeiro livro de poesias foi editado, digamos assim, por amigos, que produziram 21 exemplares artesanalmente, em 1937. O título era "Poesias concebidas sem pecado", que já revelavam sua verve de poeta ousado na forma e singelo no conteúdo, marcas de toda sua vasta obra.

Mas ele foi parcimonioso na sua produção artística. Era cuidadoso, meticuloso até, e por isso parecia escrever pouco, não fazia poesia por encomendas. E assim era em tudo na vida, mesmo nos estudos, pois foi obter o

diploma de advogado só com 33 anos de idade.

Foi nesse período que sua vida mudou, a começar pela política. Após passar anos preso, o líder comunista Luiz Carlos Prestes foi posto em liberdade e fez um grande comício no Largo do Machado, no Rio. Manoel estava lá, ansioso pelo discurso. Era pleno Estado Novo de Getúlio Vargas.

"Quando escutei o discurso apoiando Getúlio – o mesmo Getúlio que havia entregue sua mulher, Olga Benário, aos nazistas – não aguentei. Sentei na calçada e chorei. Saí andando sem rumo, desconsolado. Rompi definitivamente com o Partido e fui para o Pantanal", contou ele, muitos anos depois.

Em verdade, não foi direto ao Pantanal. Seu pai havia se tornado grande fazendeiro, com forte influência política. Orgulhoso do filho advogado, já tinha combinado a criação de um cartório pra ele, mas Manoel não quis nem saber. Foi passar uns tempos viajando pela América Latina até parar por um ano nos Estados Unidos.

Em Nova Iorque, estudou cinema e artes plásticas, onde criou profunda admiração pelo japonês Akira Kurosawa, um mágico no trato com a imagem. Nessas artes, Manoel via a representação

visual da poesia.

De volta ao Brasil, ele mudou também sua vida pessoal. No Rio, conheceu Stella, moça de tradicional família mineira, com quem se casou, a contragosto da parentalha dela, que via nele um sujeito desleixado, pé-rapado. Mas ela foi sua companheira pra sempre. Tiveram três filhos e sete netos.

O fato é que aí, já casado, Manoel de Barros voltou ao Pantanal e virou fazendeiro, criador de bois. Enfurnado nas grotas do Pantanal Sul-mato-grossense, passou a viver quieto, mas sempre vertendo poesia. Até ser descoberto, já na década de 1980, pelo escritor Millôr Fernandes, que o pôs na mídia.

Revelava assim um poeta múltiplo, de um vigor incomparável e um jeito muito próprio de compor seus versos. Por mais que queiram, críticos literários não conseguem carimbar nele um estilo. Veem na sua obra influência da Semana de 22 até do repentista nordestino ou do violeiro pantaneiro. Mas ele é apenas Manoel de Barros.



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor



Foto: Diário do Nordeste



Foto: Revista Veja

HABITAÇÃO E SANEAMENTO COMO DIREITOS UNIVERSAIS

Jacy Afonso

A habitação constitui-se elemento de produção e reprodução social, se relacionando a outros direitos: educação, saúde, transporte, lazer, emprego e renda, saneamento básico, fundamentais à dignidade humana.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA – mostram que o déficit habitacional teve uma redução de 8,04% entre 2009 e 2012 – Governos Lula/Dilma, e indicam que as políticas governamentais têm obtido algum sucesso na área.

Mas ainda há um esforço enorme a ser feito para que o déficit seja zerado o quanto antes. Atualmente o déficit está em cinco milhões de moradias e a estimativa é de que a demanda por habitação de baixa renda alcance 20 milhões de unidades em 2024.

A criação da Política Nacional de Habitação, em 2005, promoveu condições de acesso à moradia, proporcionando crédito e subsídio do Estado e aumentando a aplicação de recursos públicos. Além de instituir um novo arcabouço institucional, fomentou a criação de planos estaduais e municipais de habitação, com ampla parti-

cipação da sociedade.

A estabilidade econômica, a queda gradual das taxas de juros e o aumento da renda das famílias formam o cenário em que esse avanço aconteceu, alavancando o crescimento econômico e o nível de empregos. Em 2009, foi criado o Programa Minha Casa Minha Vida, que estabeleceu um leque amplo de estratégias para favorecer a aquisição da moradia, contando com recursos disponibilizados pelo FGTS, FAT, pela Caixa e pela União.

Até julho de 2014, segundo dados da Caixa, foram contratadas 3.553.314 unidades habitacionais por meio do Minha Casa, Minha Vida – MCMV, e investidos mais de R\$ 223 bilhões. O Programa gerou mais de um milhão de empregos. Da sua criação até 2015, o FGTS, foi responsável pelo financiamento de 3,2 milhões de unidades, gerando mais de 10 milhões de empregos diretos e indiretos.

Para a professora da FGV Ana Maria Castelo, programas como o Minha Casa, Minha Vida (Faixa 1) devem ser transformados em políticas de Estado e superar questões como o valor do preço

dos terrenos, a destinação de áreas para moradia de interesse social e a qualificação de mão de obra do mercado do setor. Na viabilização do Programa, essas tarefas são de responsabilidade dos municípios.

Como parte de um espaço habitacional adequado estão as condições de saneamento básico. Segundo informações do Ministério das Cidades 82,7% dos brasileiros são atendidos com abastecimento de água tratada, 48,3% da população têm acesso à coleta de esgoto e apenas 38,7% do esgoto do país é tratado. São ainda 34 milhões de brasileiros que não têm acesso à água encanada; 103 milhões de pessoas não estão conectadas às redes de esgoto.

São inúmeras as consequências diretas desses índices. Em 2013, segundo o Ministério da Saúde, ocorreram mais de 340 mil internações por infecções gastrointestinais, com custo médio de cerca de R\$355,71 por paciente. Em 2012, cerca de 300 mil trabalhadores se afastaram do trabalho por diarreias e perderam 900 mil dias de trabalho.

Além dos inegáveis be-

nefícios com qualidade de vida e saúde e da economia do país com redução de doenças associadas à falta de saneamento, a sua universalização tem potencial de gerar enormes oportunidades de emprego e renda. Criaria quase 500 mil postos de trabalho.

A Federação Nacional dos Urbanitários – FNU/CUT – recomenda um amplo programa de recuperação e revitalização dos operadores públicos de saneamento, se contrapondo à privatização desses serviços; a destinação de um percentual do PIB anual como forma de se atingir os investimentos necessários para que em 20 anos o País alcance a universalização do acesso; e a implementação de instrumentos de controle social para o acompanhamento e fiscalização das ações.

Segundo a Lei do Saneamento (Nº 11445/2007), todas as cidades devem ter um plano municipal sobre os serviços de água, esgotos, lixo e drenagem das águas pluviais, construído com a parti-

cipação da população. A prefeitura elabora o plano, e o Governo Federal aprova, proporcionando que o seu município receba as verbas para obras.

As comunidades podem ter iniciativas importantes para garantir o cumprimento da legislação, organizando reuniões de estudos para avaliar os problemas causados pela falta de tratamento de esgoto e propor melhorias, formando grupos para atuar nas questões do saneamento local, chamando a prefeitura para participar.

Capacitar jovens da comunidade e agentes públicos para realizar pesquisas sobre a necessidade de saneamento e as consequências de sua falta, apresentando os resultados para a comunidade e para a prefeitura, é tarefa participativa que compromete os habitantes com as questões sociais.

O acesso aos serviços de

saneamento básico deve ser tratado como um direito do cidadão, fundamental para a melhoria de sua qualidade de vida e da saúde pública. Para tanto é indispensável a promoção do acesso universal a esses serviços, com preços e tarifas justas, mediante atendimento aos requisitos de qualidade e regularidade, com controle social.

Mudar o mundo a partir da aldeia. A cidade é da cidadania!



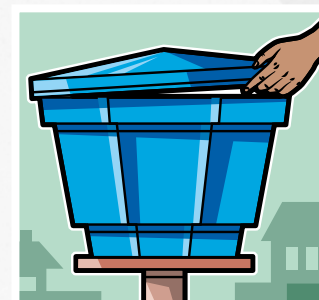
Jacy Afonso
Sindicalista

UM MOSQUITO NÃO É MAIS FORTE QUE UM PAÍS INTEIRO.

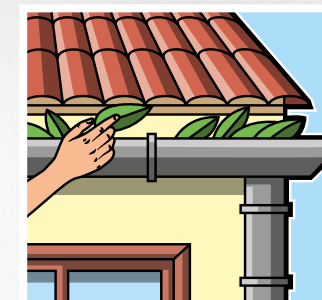
O mosquito Aedes agora também transmite Zika.
Cuide da sua casa, mobilize a família, seus vizinhos e a sua comunidade.



COMBATA O MOSQUITO PERIODICAMENTE:



Tampe os tonéis e caixas-d'água.



Mantenha as calhas sempre limpas.



Deixe garrafas sempre viradas.



Coloque areia nos vasos de plantas.



Retire sempre a água dos pneus.



Mantenha a lixeira bem fechada.

OS POVOS ORIGINÁRIOS NOS ENSINAM O BEM-VIVER

Leonardo Boff

Nas tradições indígenas de Abya Yala, nome indígena para o nosso continente índio-americano, ao invés de "viver melhor" se fala em "bem-viver" e "bem com-viver". Essas categorias entraram nas constituições da Bolívia e do Equador como objetivo social a ser perseguido pelo Estado e por toda a sociedade.

O "viver melhor" supõe uma ética do progresso ilimitado e nos incita a uma competição com os outros para criar mais e mais condições para isso. Entretanto, para que uma minoria possa "viver melhor", milhões têm que viver mal. É a contradição capitalista.

O "bem-viver" andino visa a uma ética da suficiência e da decência para toda a comunidade, e não para o indivíduo, supõe uma visão holística e integradora do ser humano, inserido na grande comunidade terrenal que conta, além do ser humano, com o ar, a água, os solos, as montanhas, as árvores, e os animais.

A preocupação central não é acumular. A Mãe Terra nos fornece tudo do que precisamos. Nosso trabalho supre o que ela não pode nos dar ou a ajudamos a produzir o su-

ficiente e decente para todos, também para os animais e as plantas. "Bem-viver" é estar em permanente harmonia e em equilíbrio com o todo.

O "bem-viver" nos convida a não consumir mais do que o ecossistema pode suportar, a evitar a produção de resíduos que não podem ser absorvidos com segurança pela natureza e nos incita a reutilizar e a reciclar tudo o que tivermos usado. Será um consumo reciclável, sóbrio e frugal. E não haverá escassez.

Os povos originários se fazem nossos mestres e doutores. Povos humildes, mas profundamente arraigados ao chão da vida, respeitosos de todos os seres e sintonizados com cada sinal que a natureza dá. Eles nos apontam para um tipo de comportamento e de uma forma de viver que nos poderá devolver a alegria de ser e a esperança de que a tragédia que se anuncia se transforme numa crise que nos purifica e nos fará melhores.



Leonardo Boff
Filósofo, Teólogo, Escritor
leonardoboff.com
Excerto do livro Saber Cuidar,
18ª Edição, Editora Vozes, 2014

a cuca

A Cuca é um jacaré bípede de cabelo amarelo e voz horripilante que, na verdade, é uma velha bruxa encantada. Antes, dizem que era um dragão que chegou ao Brasil junto com outras lendas portuguesas desde os primórdios da colonização.

Diz a lenda que a Cuca mora em uma caverna, onde vive fazendo poções mágicas. Como só dorme uma noite a cada sete anos, ela está sempre atenta para sequestrar crianças desobedientes. Mas em geral nem precisa levar as crianças, porque só o seu grito já as assusta a léguas de distância.

Amiga do saci-pererê, a malvada da Cuca ficou mesmo famosa foi com o "Sítio do Picapau amarelo", obra do escritor Monteiro Lobato (1882 - 1948), transformada em seriado de TV entre o final dos anos 1970 e o início dos anos 1980.





Fotos: Deva Garcia

Oficinas ecológicas para aposentados são sucesso

Mais de 60 inscritos participaram da Oficina de Cultivo de Hortas em Pequenos Espaços e da Oficina de Ervas Aromáticas e Medicinais na Cozinha e na Varanda, realizadas no Espaço Educador Chico Mendes - Chácara do Professor, no dia 19 de abril. "É uma atividade diferente na rotina do aposentado e também uma forma de esse segmento da categoria desfrutar da Chácara do Professor com outras atividades além do lazer", informa a coordenadora da Secretaria para Assuntos dos Aposentados do Sinpro-DF, Sílvia Canabrava.

Ela conta que a diretoria colegiada do sindicato pensou nessas oficinas porque se tratam de ações pedagógicas e políticas que envolvem o professor e o pedagogo-orientador educacional aposentados, durante um dia inteiro, com a natureza, conhecendo a proposta agroecológica e os princípios

da sustentabilidade adotados na chácara, bem como adquirindo novos conhecimentos sobre o meio ambiente, ocupando-se com uma atividade coletiva e aprendendo a evitar a degradação ambiental e doenças por meio do cultivo de suas próprias hortaliças. "O Sinpro-DF vê o aposentado como um ser participante e ativo da categoria", explica.

As oficinas mostraram aos aposentados que eles podem usar o cultivo de plantas como uma terapia ocupacional e que, até mesmo quem mora em apartamento, pode ter sua própria jardineira com hortas e ervas livres de agrotóxicos.

A professora aposentada Luzinete Maria Leandro conta que sempre teve o desejo de conhecer e saber cultivar ervas aromáticas e medicinais. "Quando o Sinpro-DF ofereceu essa oportunidade, corri para me inscrever na oficina", diz ela,

que pretende utilizar os conhecimentos adquiridos para manter um cultivo caseiro. "Nunca imaginei que poderia plantar esses tipos de ervas em um pequeno espaço dentro do apartamento. Meu chá está garantido", completou.

Seguindo o mesmo raciocínio, a também professora aposentada Fátima Godoi foi enfática: "Eu sempre estou em todas as atividades propostas pelo Sinpro-DF aos aposentados. Somos ativos, sempre. E, dessa vez, não poderia ser diferente. Ainda mais participar de um evento em um local como este; um ambiente de muita paz e gostoso de estar. O fato de descobrir que posso cuidar de uma horta em casa me alegrou bastante. Quando estamos na correria, não temos muito tempo para cuidar da nossa alimentação; dificilmente nos cuidamos como devemos".

Durante as oficinas, os aposentados tiveram uma "aula" de agroecologia. Eles e elas foram levados à trilha existente na chácara, local em que puderam conhecer uma plantação baseada no conceito da agroecologia. "Eles viram a agrofloresta de perto. Após finalizarmos as oficinas, todos os participantes reivindicaram a continuidade do projeto e sugeriram outras abordagens também destinadas ao aprendizado de cultivo de plantas. Estamos pensando sobre isso", informou a diretora Sílvia Canabrava.

Como o resultado das oficinas foi bastante positivo, a Secretaria para Assuntos dos Aposentados pretende levar o assunto para a diretoria colegiada do sindicato. "Essas temáticas dizem respeito a toda a categoria, ativos e aposentados. E como encontramos acolhida, por que não fazer outras oficinas nessa linha para o pessoal da ativa também? Vamos propor isso", disse Sílvia.

PARA SABER MAIS

O Espaço Educador Chico Mendes, localizado na Chácara do Professor, foi planejado para oportunizar sensações e percepções acerca do ambiente natural, importantes para que cada visitante construa o conhecimento sobre a sua relação com a natureza.

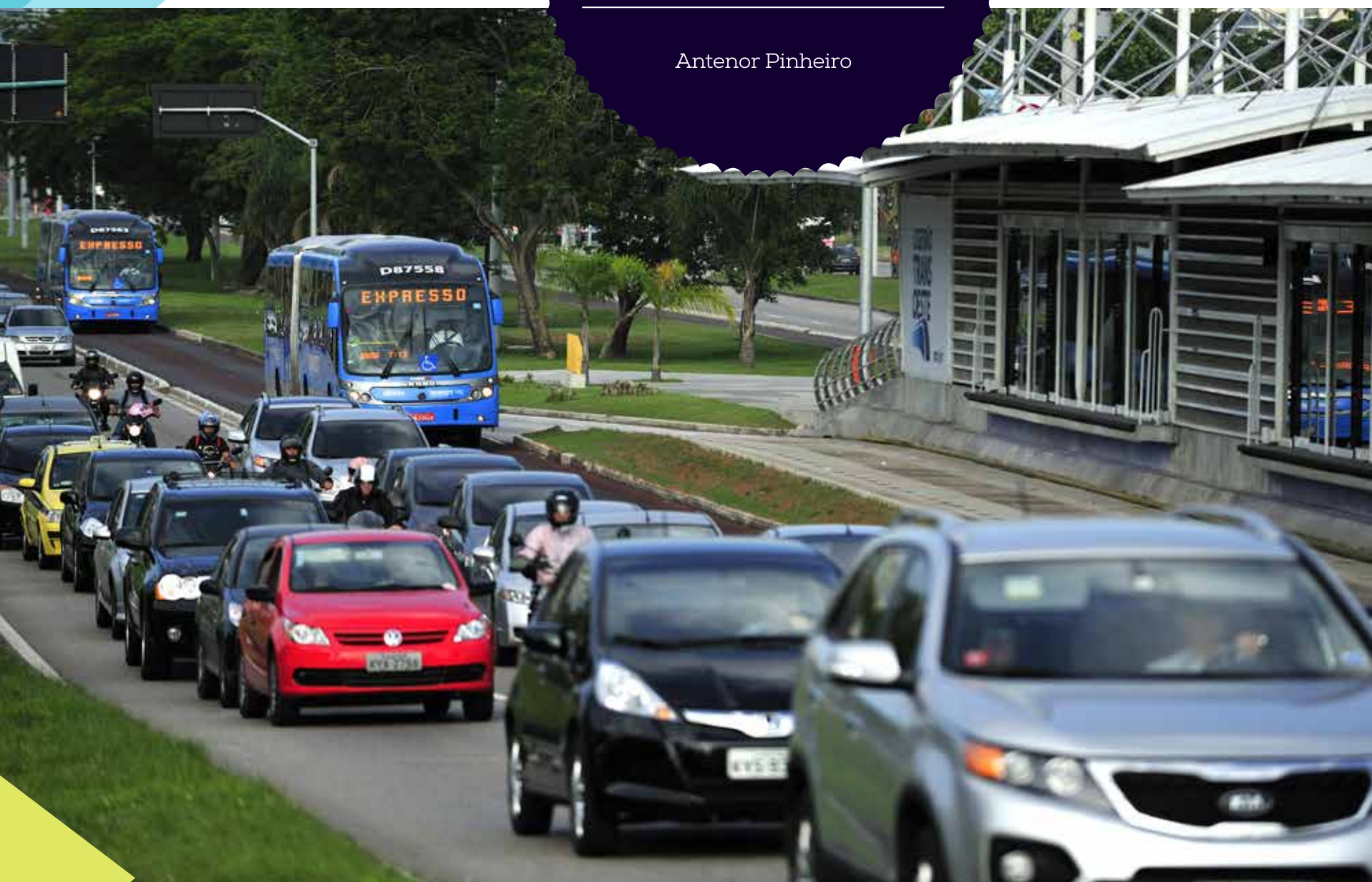
Ao mesmo tempo, como um dos suportes ao trabalho pedagógico, visa a apresentar aos educadores as mais recentes contribuições no campo das práticas de sustentabilidade ecológica, incentivando o desenvolvimento de habilidades e valores que motivarão novos estilos de vida, ambientalmente sustentáveis.

Errata: Diferentemente do divulgado no espaço do Sinpro, na edição de março passado desta revista (Ano 2 - Número 17), Jacarandá e Cedro não são espécies nativas do Cerrado.



BRT EVOLUINDO À NOSSA MODA

Antenor Pinheiro



A função de um sistema de transporte público é conectar as pessoas da cidade de sorte a lhes garantir acesso às suas demandas básicas, com eficiência e preço justo. Muitas cidades, no entanto, ainda sofrem com as escolhas de gestores que persistem man-

tendo modelos de mobilidade baseados em veículos particulares e submetidos a operações de transportes desordenados e mal regulados, via de regra sob a égide de marcos regulatórios obsoletos e dóceis à lógica do capital em detrimento do social.

São gestões de pouco apreço social, muito mais conectadas aos interesses de corporações e negócios. Resistem às novas tecnologias e insistem num tipo de desenvolvimento urbano que colide com o razoável previsto na própria legislação do país.

Cidades administradas com este viés submetem suas populações a ambientes cada vez mais degradados por irritantes congestionamentos, poluição, ocupação populacional desordenada, acidentes, encarecimento de tarifas, desperdícios e, o mais grave,

com a perda do senso de urbanidade.

É nesse contexto que o Brasil acordou para o problema, empurrado que foi pela onda dos protestos de junho de 2013, quando a população mobilizada colocou na agenda nacional o tema da mobilidade urbana convivendo com as velhas tragédias conhecidas das políticas de saúde, educação e segurança pública.

Aproveitan-

do-se do alerta das ruas, os governos se mexeram na esteira de três eventos esportivos internacionais, um em curso (Copa das Confederações/2013) e outros dois em preparação (Copa do Mundo/2014 e Olimpíadas/2016), quando houve

um surto de recursos voltados para a infraestrutura de mobilidade urbana, especialmente nas cidades-sedes das competições.

Pronto! O Brasil retomava o caminho deixado na década de 1970, quando a grande novidade na área de transporte público foi representada pela cidade de Curitiba, e posteriormente Goiânia. Porém, no curso do processo, mais uma vez impôs-se o improviso gerencial misturado aos negócios corporativos, que por sua vez misturaram-se às costumeiras lambanças orçamentárias vinculadas aos financiamentos de campanhas eleitorais.

Confundiou-se deliberadamente o conceito universal de mobilidade urbana que designa a articulação, organização e integração dos diversos modais de transportes públicos com foco nas opções coletivas e não-motorizadas, com a necessidade de se construir gigantescas estruturas de concreto e trilhos, grandes obras, algumas até hoje não concluídas ou objeto de dolorosas e longas investigações policiais e judiciais.

Nesse cenário o Bus Rapid Transit/BRT (denominação americanizada que significa "Trânsito Rápido Sobre Rodas") ressurge no Brasil como tendência hegemônica cada vez mais adotada como ideal solução para o transporte humano nas cidades e regiões metropolitanas. Medida acertada como conceito, porque além de garantir competitividade em relação às tecnologias sobre trilhos, tais como metrô e VLT ("Veículo Leve Sobre Trilhos"), é infinitamente menos onerosa que estes, em investimentos, custo e manutenção.

Entretanto, os esforços dos gestores públicos em recuperar os espaços de mobilidade para a cidadania ainda se arrastam e vêm sendo realizados de forma acanhada e pouco planejada, como que apenas para recuperar um tempo perdido atrás de urgentes respostas.

Assim é que estão sendo construídos Brasil afora os BRTs, via de regra como eixos não integrados aos sistemas cicloviários (quando existem), divorciados das políticas de uso do solo, distantes dos referenciais modernos de acessibilidade e, mais grave, não acompanhados das medidas de restrição do uso de carros e motos. Ou seja, o conceito aqui praticado mais se resume a um projeto de transporte, quando deveria ser um projeto de cidade.

Bem verdade que o BRT, enquanto equipamento urbano, não resolve isoladamente problemas ambientais, sociais e econômicos, mas com certeza permite transformar as cidades em ambientes mais habitáveis, saudáveis e amigáveis. E não precisa ser Brisbane, Ottawa ou Seattle; basta que sejamos Bogotá, Santiago do Chile ou Johannesburg. Mais simples, baratos, articulados, funcionais, esteticamente bonitos e igualmente eficientes para o que devem focar: decência para o deslocamento das pessoas. O caminho mais honesto para melhorar a qualidade dos deslocamentos humanos, e consequentemente resgatar o sentido de cidade.



Antenor Pinheiro
Jornalista, membro da
Associação Nacional de
Transportes Públicos/ANTP

A VOLTA DA CASA GRANDE

Trajano Jardim

Nestes tempos bicudos, centenas de milhares de pessoas saíram às ruas, com bandeiras dos mais diversos matizes. Parte delas defendendo propostas antidemocráticas, em que pediam a derrubada da presidente, chamadas por um movimento atrelado à luta contra a corrupção, ancorado na chamada Operação Lava-Jato, processo que entrou no ventre da Petrobras, empresa brasileira em que a participação do segmento de petróleo e gás natural no PIB (Produto Interno Bruto, que mede a soma de riquezas produzidas no país) aumentou de 3%, em 2000, para 12%, em 2010, e chega a 13%, nos dias de hoje.

O Brasil já viveu na sua história momentos de histeria iguais a estes. Todos eles conduzidos pelas oligarquias nacionais e por interesses de grupos internacionais de várias tendências e, hoje, a serviço do projeto de dominação do Consenso de Washington.

A história contemporânea mostra que foi assim no pós-guerra, na democratização, quando o Partido Comunista Brasileiro foi legalizado e, nas eleições gerais de 1946, conseguiu eleger uma bancada de 14 deputados federais e um senador, causando perplexidade nos setores conservadores, que viam nisto um perigo iminente

contra os seus interesses.

Em 1950, a volta de Vargas ao poder, com o seu projeto de cunho trabalhista e desenvolvimentista, foi o estopim para os grupos conservadores pressionarem o governo até levá-lo ao suicídio.

Com a ascensão de João Goulart em 1961, o projeto de reformas foi determinante para as elites, especialmente dos militares, para desfechar o golpe de Estado que tiraria, em 1º de abril de 1964, o presidente do poder. O movimento encerrou o ciclo das tão almejadas reformas de base (mesmo no âmbito do capitalismo, levariam o país na direção de uma sociedade socialmente justa) e estabeleceu uma sangrenta ditadura militar no país.

Com o fim do regime militar, a eleição de um sindicalista metalúrgico para presidente da República e a eleição da primeira mulher para presidente, com dois mandatos consecutivos, provocou a ira da oposição. Mais uma vez, as oligarquias brasileiras se manifestam de forma golpista, e passam a fomentar a derrubada do governo democraticamente eleito, com apoio da mídia conservadora, que exerce domínio absoluto na informação brasileira.

As últimas manifestações mostraram o caráter da elite

brasileira. A turba representante da Casa Grande vociferava palavras de ordem, que iam desde ofensas pessoais à presidente até pedidos de volta dos militares ao poder. Atacavam todas as medidas dos governos Lula/Dilma que representassem avanços culturais e sociais, numa demonstração de que vivemos uma crise civilizatória de consequência imprevisível.

Em Brasília, alguém – que se diz professor de história –, empunhava uma faixa contra o cientista da educação brasileira, professor Paulo Freire, reconhecido mundialmente pelo seu método revolucionário de alfabetização.

Assim, nós que pensamos a educação como uma proposta de oposição a esta realidade contrária ao ensino como prática da liberdade ficamos preocupados com os rumos que a elite opressora e patrimonialista, que reflete os conceitos de dominação da Casa Grande à Senzala, pretende dar ao País.



Trajano Jardim
Jornalista e Professor
Universitário



CNS E MEMORIAL CHICO MENDES IMPLEMENTAM POLÍTICAS PÚBLICAS ÀS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS DA AMAZÔNIA



SANEAR AMAZÔNIA ÁGUA BOA PARA AS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS DA FLORESTA

Na Amazônia, Pátria das Águas, vivem milhares de famílias extrativistas. Muitas delas, sem acesso ao saneamento básico e, principalmente, à água potável. Em um esforço conjunto, o Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS) e o Memorial Chico Mendes executam o programa SANEAR AMAZÔNIA, para garantir água boa às famílias que vivem e trabalham no coração da floresta.

Desenvolvido em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), o programa consiste na aplicação da tecnologia social que permite a captação e o tratamento de água da chuva, dos rios ou de poços artesianos, para proporcionar a água em quantidade e com a qualidade necessária para assegurar a privacidade, o bem-estar e a melhoria nas condições de saúde de cada família participante.

O sistema de captação, executado conjuntamente com sete entidades locais – ASPROC, PESACRE, CTA, SOS AMAZÔNIA, AMBAC, AMOREMA, INSTITUTO VITÓRIA RÉGIA –, inclui a instalação de banheiro com fossa, chuveiro, pia lavatório, vaso sanitário com caixa acoplada e, do lado externo, uma pia grande de cozinha para limpeza e preparo dos alimentos e para outros fins de higienização.

O SANEAR AMAZÔNIA, que tem por meta atender a 2.800 famílias de oito Reservas Extrativistas, já contemplou 703 famílias. Para outras 493, a tecnologia social encontra-se em fase final de implantação. Com a execução dessa política pública entre as comunidades da Amazônia, o CNS cumpre sua resolução de articular junto ao Governo Federal o acesso à água e ao saneamento, como forma de assegurar uma melhor qualidade de vida para as famílias extrativistas da Amazônia brasileira.

CONSELHO NACIONAL DAS POPULAÇÕES EXTRATIVISTAS – CNS

O CNS, organização presente em todos os estados da Amazônia, nasceu em outubro de 1985, durante o 1º Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em Brasília. A entidade foi fundada por líderes como Chico Mendes e Wilson Pinheiro, para lutar em defesa da Floresta e de uma Reforma Agrária diferenciada para os povos da floresta. Ao longo dos últimos 30 anos, o CNS ampliou seus objetivos para buscar, também, melhores condições de bem-viver para as famílias extrativistas que vivem e trabalham na floresta amazônica. Nessa caminhada, em especial na articulação do SANEAR AMAZÔNIA, o CNS contou com a parceria fundamental da Fundação Ford, cujo apoio possibilitou o fortalecimento institucional do Memorial Chico Mendes, com sede em Manaus, hoje responsável pela implementação de projetos essenciais para a qualidade de vida das populações extrativistas, como o SANEAR AMAZÔNIA.



Sindicato critica aprovação da PEC que prejudica meio ambiente

Uma clara demonstração de que a maioria dos conservadores do Congresso Nacional não tem nenhum comprometimento com a questão ambiental foi a aprovação, pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado, na semana passada, da Proposta de Emenda à Constituição que altera o processo de licenciamento ambiental.

A PEC 65/2012, de autoria do senador Acir Gurgacz (PDT-RO), estabelece que será suficiente a apresentação, por parte do empreendedor, de um Estudo de Impacto Ambiental, feito por ele mesmo, para que a autorização de uma obra seja concedida. Isso significa que não será mais necessária a análise dos impactos socioambientais pelos órgãos competentes, que apontam ações para mitigá-los, compensá-los ou evitá-los sob o risco de paralisação do empreendimento.

O Sindicato dos Bancários de Brasília critica os parlamentares conservadores que, em nome do crescimento econômico, cometem esse equívoco, uma vez que, caso a PEC 65 seja aprovada, trará graves consequências para o meio ambiente, além de acabar com a legislação ambiental.

